



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JULIA SOARES DE SOUZA  
LETÍCIA MARIA MEDEIROS RIBEIRO

**Formação em Psicologia: uma passagem pela Assistência Social e as voltas que o  
Vínculo dá.**

Maceió/AL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JULIA SOARES DE SOUZA  
LETÍCIA MARIA MEDEIROS RIBEIRO

**Formação em Psicologia: uma passagem pela Assistência Social e as voltas que o  
Vínculo dá.**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela  
Universidade Federal de Alagoas.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marília Silveira.

Maceió/AL

2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB4-1251

S729f Souza, Julia Soares de.

Formação em Psicologia: uma passagem pela assistência Social e as voltas que o vínculo dá / Julia Soares de Souza, Letícia Maria Medeiros Ribeiro– 2021.

40 f.

Orientadora: Marília Silveira.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em psicologia, Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 39-40.

1. Psicólogos - Formação. 2. Vínculos. 3. Sistema Único de Assistência Social (Brasil). I. Ribeiro, Letícia Maria Medeiros. II. Título.

CDU: 159.9

## RESUMO

Vínculo é uma meta que atravessa toda a Rede Socioassistencial em prol da garantia de direitos. Este estudo se propõe a levar o conceito de vínculo a passear, encontrando teorias, práticas e momentos pessoais em processo de formação em Psicologia, submetendo-o a uma análise subjetiva. A metodologia conta com o caminho cartográfico segundo Suely Rolnik, de cunho qualitativo acerca desse conceito, transitando entre experiências de formação profissional, filosofia e afetos. E, com base nisso, pretende contribuir para futuras pesquisas sobre o tema. Concluímos nessa travessia que Vínculo configura-se como conceito vivo, a se transformar no cotidiano, no "vai e volta" de suas práticas, seja com qual público for. Tratando-se de um processo, pode ser compreendido como único em cada caso, dotado de subjetividade e afetividade. Assim, assume diferentes formas no caminho cartográfico a ser visualizado e explorado em diferentes contextos. Com a pesquisa, as ferramentas disponíveis para pensar este conceito foram ampliadas e transformadas, recolhendo as experiências e aprendizagens do nosso processo de formação em psicologia.

**Palavras-chave:** Vínculo, Psicologia, Sistema Único de Assistência Social.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
NOSSO OBJETIVO.....	09
METODOLOGIA.....	10
ENTRAR NO CAMPO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	14
ENCONTRO COM FERRAMENTAS DO VÍNCULO.....	15
VÍNCULO COMO PROCESSO ENTRELACADO DE SUBJETIVIDADE.....	19
VULNERABILIDADE SOCIAL, PNAS E VÍNCULO.....	23
ACOLHIMENTO E AFETABILIDADE NO VÍNCULO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	39

## INTRODUÇÃO

Em nosso percurso de formação em Psicologia, nos encontramos com a ideia/conceito de vínculo, que nos foi apresentada de modo a se tornar um problema, em nossa passagem pelos estágios no campo da Assistência Social. Esse não é o único lugar em que essa palavra e esse conceito aparece no campo da Psicologia, afinal é pelas conexões e desconexões com pessoas e coisas que nós nos constituímos pessoas. Vínculo é encontrado em referências, por exemplo, psicanalíticas para pensar processos de vinculação (relação de objeto) entre o recém-nascido e a mãe (adulto que realiza os cuidados e a amamentação), como foi trabalhado por Melanie Klein, Bowlby e Winnicott. Já na psicologia social, Vygotsky contribui ao pensar sobre vínculo destacando a relevância do contexto histórico; ele é contemplado em documento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), qual condensa diante de sua obra que “as condições objetivas da vida interferem diretamente na forma como as pessoas se constituirão como sujeitos sociais, ou seja, nas escolhas que farão ao produzir e reproduzir a vida social” (BRASIL, 2017, p.20).

Sendo um conceito ligado a tantas facetas, e sempre em dimensão de tratar-se de um conjunto, afinal, vínculo é entre duas ou mais coisas; o Vínculo envolve uma conexão. Em contexto da Assistência social é considerado uma ferramenta para conhecimento do outro, mas não apenas isto. Criar e abrir um espaço para uma troca de saberes e afetos – troca de diálogo, ética, conhecimentos sobre o outro e sobre muito mais – é fomentar uma engrenagem chave para o início do fenômeno de Vínculo.

O trabalho de produção do vínculo é intrínseco à atuação dentro do campo de Assistência Social, uma vez que atravessa e constitui o processo de emancipação social das famílias, como uma meta e ferramenta de atuação em diversas instâncias. Em síntese, pode-se dizer que Vínculo é um traço eminentemente político da convivência: poder experimentar uma condição de igualdade para poder projetar com o outro mudanças para si e para a coletividade (BRASIL, 2017).

É importante começar a perceber a falta de corpo no próprio Vínculo: ele transita entre nós, identifica-se mas não tem físico definido! No campo da saúde ou da assistência social, pode-se dizer que quando alguém precisa ou busca um serviço, já desde essa busca se constitui o vínculo. Já há uma localização de sentimentos e posicionamentos diante dessa conexão que vai sendo feita e vice-versa. Compreendendo-se que conceitos não são

isolados, mas se produzem de diversas formas, juntos ou não, estamos aqui para acompanhá-los! E para começar esse caminho, nos apresentamos:

Eu, Julia Soares, alagoana crescida na capital, sempre morei perto mas longe do mar, estando próxima a faculdade que se finda com este trabalho, construída afastada do centro da cidade por demanda militar. Tive um fascínio desde nova pela literatura, ciências, música e empatia. A psique humana foi a primeira escolha para trilhar este caminho acadêmico, e assim, na Psicologia pude explorar meus gostos. Transitei pela Psicologia Social em projeto de Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e até participei do Programa de Educação Tutorial (PET-Psicologia) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), envolvendo temáticas do construcionismo, formação em saúde e feminismo. Tive experiências de extensão na rede de ensino pública, abordando saúde e sexualidade, e na rede de assistência social em estágio. Pratiquei ainda na rede de saúde pública, relacionando-me à saúde mental e ao departamento de infecções sexualmente transmissíveis e Aids. Diferentes espaços com atenção à complexidade que somos, podendo ou não estarem atravessados. Pousei aqui com inquietudes de toda uma carga da formação em Psicologia, que me acompanhou desde a minha entrada na maioria (algo que marca todas/os nós) até hoje, onde, diante de um menor tempo previsto ao fechamento deste ciclo, há situações precárias cotidianas que encontramos no sistema de ensino brasileiro, sobretudo nordestino. Mesmo assim, nada me fez querer parar. Dificuldades em que, não são a causa da gente se dedicar, mas sendo entre elas que a gente se faz. E a gente se faz psicóloga virando uma 'caba da peste', braba no sentido mais forte possível, que faz malabarismo com suavidade. A sede de conhecimento é alta e o acolhimento da Psicologia atravessou meu crescimento pessoal e profissional. Muito foi trilhado e explorado neste caminho; o que mais me instiga é saber que é apenas a porta de entrada nesse mundo, que virá formalizada na conquista do diploma.

Eu, Letícia Maria, nascida de um milagre, filha mais velha, canceriana com a lua em sagitário e número favorito sete. Cheia de sensibilidade, manias e rituais que fazem meu dia ser mais longo. Gosto de bichos, de gente, de texturas e confortos. Entrei na Psicologia porque não queria nada e hoje entendo que o nada sou eu. A Psicologia mudou minha forma de comunicação, de afetos e, principalmente, de acolhimento. Estudei em universidade privada e quando me dei conta das possibilidades que eu podia explorar com o curso tentei transferir para a UFAL. Consegui. Não consegui participar de muitos grupos de pesquisa,

mas explorei possibilidades importantes de atuação. Participei de grupos de estudo de filosofia, extensão em escolas, estágio na assistência social, cursos de fenomenologia, estudos de psicanálise, esquizoanálise, cinema. Entrei em diferentes locais para tentar compreender um pouco mais sobre minhas paixões dentro do curso, mas percebi que elas pulsam de uma forma instigante quando me deparo com conhecimentos que me fazem refletir, sobre qualquer coisa. Isso fez com que a abordagem não fosse o foco, mas sim os meus diferentes interesses me movendo em busca de uma Psicologia capaz de englobar tudo o que a Letícia gosta, dialogando os diferentes conhecimentos para mais questionamentos. Não sei onde me vejo atuando amanhã, mas o eu do agora quer produzir um TCC (Trabalho de conclusão de curso) capaz de oferecer algum afeto, algum aconchego, pensamento, ou um simples conforto de ler algo que não seja maçante ou cheio de verdades. A Letícia de hoje quer que a Letícia de amanhã continue incentivada pelos bons encontros, estes que tanto busquei ao longo do curso, da vida. E eu, mulher, branca, privilegiada, de 23 anos, vivendo em Maceió mas com infância e parte da adolescência em Penedo, me exercito a pensar e a tentar buscar formas de provocar pensamentos. É com essa perspectiva de desejo que me encontro imersa nessa escrita sem tirar nem pôr nada no lugar mas sabendo que nada é duradouro a ponto de me fazer eterna ou qualquer escrito meu imutável. Sou um ser, uno, totalmente flexível capaz de sofrer mudanças necessárias a qualquer momento. O agora é isto.

Sabemos que num processo de escrita 'a gente nunca escreve sozinha' ou sozinho; nossas referências, afetos, ideologias nos vestem no momento que compartilhamos algo, seja através da fala propriamente dita ou não, elas fazem parte do nosso pensamento e posicionamento; sendo assim, aqui, diante da presença de duas autoras em processo partilhado, efetivamente escrevemos juntas. Nossa escrita foi estimulada e acordada a ser incrementada sem limitações uma da outra, numa constante troca e diálogo, como uma costura. Muito do nosso processo foi reorganizado diante das condições da pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2 iniciada no ano de 2020, tendo a maioria de nossos encontros *online* e através da prática de comunicação escrita. Decidimos usar o "nós" para a partilha de diálogos, falas, pensamentos e, neste texto; já, quando utilizamos "eu", é das diferenças singulares que se trata tal passagem.

Em 2021, a pandemia segue atravessando a reconfiguração dos nossos modos de trabalhar, e logo, de escrever. As experiências de formação que nos competem iniciaram em

2015 até os momentos atuais em que estamos distanciadas socialmente e as consequências disso refletem em novos caminhos a pensar o próprio conceito de vínculo, que aqui é lido fora de contexto pandêmico.

Desde o princípio, a elaboração deste trabalho de conclusão de curso em dupla surgiu como uma oportunidade de diálogo entre as nossas experiências de estágio no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), uma vez que nós, as autoras, vivenciamos serviços que se separam em níveis de complexidade de casos, mas se complementam e se conectam como rede socioassistencial. Desenvolvendo atividades em conjunto, estes dois serviços fazem parte de uma política pública única, enfrentando adversidades e em constante caminho de luta pela escassa possibilidade de investimentos, assim como encontra dificuldades na própria característica de um serviço multidisciplinar, fatiado e amplo. Pensando nisso, a temática do vínculo brota do trabalho articulado em rede e das primeiras percepções acerca desse conceito vivo nos serviços.

Nós escolhemos contar algumas passagens dessa experiência, escolha pautada pelo afeto e pelo possível de ser trabalhado nesse texto. Sofrimentos perversos que hoje estão ali e nós aqui. Momentos que não foram e não são fáceis de digerir. E mesmo que sejam engolidos, tranquilizados e racionalizados, 'a vida é assim', continuam a ser sentidos, insistem em se apresentar. Temos nossas falhas, nossos entraves e nossas faltas de controle também. Buracos que escapamos por e que às vezes em nós eles se instalam. E por isso não estamos sós. Estamos atravessadas. A possibilidade de um vínculo ao escrever este trabalho surge aí como uma potência, de se fazer junto de atravessamentos, de mais possibilidades serem alcançadas e lidar com a temática em questão.

## **NOSSO OBJETIVO**

Objetivamos levar o conceito de vínculo da PNAS 'a passear', entre encontros afetivos, práticos e teóricos da formação em Psicologia – considerando as tantas coisas passíveis de vínculo: humanas ou não. Pretendemos acompanhar esse passeio com a metodologia da cartografia proposta por Suely Rolnik (1989).

Através da retomada de diários de campo do período de estágio, do exercício de reflexão cotidiana, da supervisão, o elo de discussão foi estabelecido com a identificação da temática, desenvolvendo a busca por ampliar os estudos acerca da mesma a partir do olhar da Psicologia em diálogo com demais áreas de conhecimento.

## METODOLOGIA

Ao surgir a curiosidade sobre vínculo, retomamos leituras e pensares sobre um corpo vibrátil, político e do desejo. No campo da Assistência Social o vínculo mais esperado é o do(a) usuário(a) com a família e com o serviço que o atende. Há uma hierarquização do desejo daquele(a) que busca ajuda. Entretanto sabemos, como a ajuda de Suely Rolnik (1989) que o desejo se forma no campo social e, pensamos: quais estratégias estariam a contorná-lo? Quais estratégias limitariam sua autonomia e ampliariam a sua liberdade? Essa foi uma sugestão de caminho para olhá-lo de acordo com a paisagem que fosse surgindo a nós. Pois é. É como se a gente tivesse acordando de novo.

Levantar e sair para andar. Sem um mapa pronto, fazendo seu caminho, sua rota, seu olhar. Cartografar é como compor: às vezes você tem que se deixar levar. Não está pronto o que vai ser dito. Mas há muito a se dizer... Com essa inspiração cartográfica e sua liberdade de acompanhar processos e não delinear objetos seguiremos nossa caminhada em busca do vínculo. Onde está o vínculo? Na psicologia, nas práticas de estágio no campo da assistência social? Do que ele é feito? Se trata apenas de uma conexão entre humanos? Levaremos essas perguntas conosco para encontrar onde pulsa o desejo de conexão, de vínculo no campo social.

Assim como temos muito a caminhar. É tão simples quando sentimos a liberdade de apenas estar e ver quanto algo pode ser destrinchado. A cartografia é esse método que nos oferta alguma liberdade, ali onde, por vezes, se prende o vínculo pensamos: por qual caminho ele pode escapar? Sabemos que uma metodologia é boa quando ela nos permite sentir junto com o pensar. É tirar um peso e cansaço da mente quando você retoma a dimensão "*feeling*" (intuição, sensibilidade ou pressentimento em inglês) ao invés de afastá-la. Muitas vezes é o que te vai fazer sentir a própria vida em momento que "não cabe o sentimento ou a emoção". As experiências de uma formação às vezes se inscrevem no indizível e você pode procurar o sentido com toda lógica, técnica e exatidão, mas não é isso que vai te dar a certeza que "acertou". Você tem que sentir pra acreditar. Para relaxar. Você tem que saber não só que a certeza está lá, mas deixar seu corpo atuar junto. Seja o vento batendo, seja o corpo vibrando, seja o enjoo passando. Seja o pensamento que passa de anos atrás, seja o reconhecer que faz parte de você. É se encontrar, é se localizar, é cartografar, mapear. Muitas vezes, é o que nos faz perceber o fenômeno mais puro da vida: ela nos levar.

E por que isso não pode ser sempre? Ou por que isso simplesmente "não acontece", "não leva"? Por que *desvinculamos* do nosso cotidiano? Não deveria ser mais fácil se simplesmente "está lá"? É aí que nos enganamos. Para as diferentes pessoas, para os diferentes momentos, para seus atravessamentos e encontros, somos complexos. Se a sintonia humana fosse considerada "natural" ou *feeling*, não teríamos todas as guerras, fome e escravidão. Temos que convidá-lo a aparecer, abrir espaço, assim como conquistá-lo. Se acreditamos que estamos para além do momento e época em que nascemos – um mundo capitalista com todas suas características – vemos a potência que o ser humano tem. A cartografia tem como um de seus princípios a abertura dos sentidos e da atenção, bem como nos oferta a possibilidade de geografar sobre a história. Não mais contar cada coisa na ordem como aconteceu, mas passar de uma coisa a outra pelo caminho dos afetos.

Temos que comer essa potência humana com pés, mãos, olhos e ouvidos. Quando éramos crianças nos contaram uma história falsa: que quanto mais amor a gente desse, mais amor a gente perdia e o ficaria buscando de volta. Cartografar até caí de frente com a mesma metáfora, afinal, não trata-se da troca, da substituição, da falta; mas a construção constante a partir do encontro, a potência. Quando caminhamos e nos deparamos com algo "novo". Você pode ter olhado diversas vezes para o quadro com o ponto preto, mas só depois de anos percebeu o branco ao redor do mesmo. É também sobre desapegar de tudo que já consideramos "acertado".

E não temos limite para este processo. Não tem manual de instrução para o ser humano. Mas temos escolhas, fatos, contextos. Situamos nossos *vínculos*. Que são vinculados ao nosso *feeling*, a nossa consciência e fazer político, ademais, à nossa percepção. E nossos *des-vínculos*. Parece fácil, mas é doloroso.

É importante que um processo de escrita inicie sem barreiras iniciais e que sua organização venha por fim. Afinal, somos inconstantes, cheias de *feelings*. E só com isso, dentre tantas palavras criadas, com uma visão panorâmica apreende-se que estamos numa nova largada. Em acordo. Em sintonia. A conversa pode até se dissipar e virar ar! Você e eu sabemos que ela se transformará.

"Com a barriga vazia não consigo dormir; e com o bucho mais cheio, comecei a pensar: que eu me organizando posso desorganizar!" (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994).

"Pesquisa-intervenção-formação é o mundo!" Essa frase de Pozzana (2013) engloba a ideia de corporificação em regime afetivo ou, simplesmente, 'como tudo se faz em colaboração recíproca'. O ato de pesquisar torna-se uma intervenção que te molda e moldará ao redor. Ao adentrarmos em um campo, virtual (um texto) ou não (um serviço, por exemplo), vários estímulos estão a aflorar e situam novamente ao *brainstorm* (tempestade de ideias do inglês) que é uma confecção momentânea. Se pensarmos em censura antes disso, a tendência é criarmos um bloqueio geral, pouco seletivo. A limpeza, a maquiagem e a organização é posterior. Afinal, tudo iremos escrever, pesquisar, e até mesmo concluir pode já 'estar ali'. Já existem milhões de problemas. Como os reconhecer e reestabelecer... ou melhor, como tentaremos fazer isto deve ter seu início o mais breve possível... A resposta é que não há assertiva, mas caminhos disponíveis para inaugurar. Gostamos disso. E foi o que nos fez escolher a Cartografia como metodologia em questão, segundo o ilustre trabalho de Rolnik.

A escrita através do método cartográfico utiliza ferramentas capazes de fazer com que o/a pesquisador/a consiga abranger diferentes afetos e percepções, seja através de imagens, escritas ou tudo o que gerar sentido diante do seu estudo e de onde pretende chegar. Isso me faz pensar que talvez viver seja cartografar, se deparar com diferentes potências e formas de dar sentido, e não digo uma "busca de sentido", mas de gerar sentido diante de referências que nos cercam e que nos movem no decorrer das nossas vivências.

Parece-me familiar o método cartográfico quando penso na perspectiva de Deleuze e Guattari (2011) quando falaram das linhas de fuga. As linhas de fuga, resumidamente, são linhas que nos atravessam e nos fazem estabelecer alguns aspectos acerca de nós mesmos capazes de se enraizarem e nos moldarem diante da nossa existência no mundo. A ideia é tentar fugir dessa barreira que nos censura e nos faz agir do modo que agimos, e que busquemos construir o novo.

A partir disso, nos propomos a um exercício de pensar em como a filosofia e a literatura conseguem trazer esses conceitos em escritos como *A Terceira Margem do Rio* do Guimarães Rosa (1962), na interpretação do "ato do pai que abandona absolutamente tudo e se implica com o rio como a desterritorialização maior e mais radical" (SILVA MORAES & JARDIM, 2017, p.02). É nesse abandono de tudo que nos constitui, e digo de forma geral, na linguagem, na nossa família e diferentes grupos sociais que somos inseridos/as ao nascer, que nos aproximamos ainda mais de uma sensação de liberdade.

Falando em nascer, agora colocamos em evidência o olhar filosófico que Nietzsche trouxe quando escreveu o seu conto “das três transformações” em seu famoso livro *Assim Falou Zaratustra* (2002), onde ele traz o nascer de novo como a única forma de liberdade possível, definindo esse espírito como uma 'criança', “a criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação” (NIETZSCHE, 2002, p.37). Ele explica essa 'santa afirmação' como uma afirmativa diante das vontades, pois nessas perdas que sofremos acerca de nós mesmo, de tudo aquilo que não escolhemos e nos é imposto, é preciso que chegue o momento de reconhecer o que se perdeu e começar a se perder de novo, mas dessa vez alcançando um mundo que se pretende alcançar diante da negação do todo.

Essas passagens fazem refletir em como a cartografia está atravessada por essas linhas de fugas. Como ainda não sabemos ou não estamos acostumadas a lidar com nossos próprios afetos, ou melhor, como muitas vezes não conseguimos dar conta deles. É por isso que esse modo de escrita busca ser um método capaz de nos fazer construir ideias, de colocar para fora aquilo que sentimos diante do todo, e de como a gente se percebe no meio dessas prisões. Escrever pode ser um oráculo, mas também pode ser uma libertação. A cartografia me faz pensar nessa liberdade que tenho de falar sobre tudo o que me vem à cabeça a partir do momento que começo a pensar. Pensamos e nos debruçamos com uma quantidade infinita de possibilidades capazes de dizer o que queremos dizer. Isso com certeza é falho, mas de novo, não é na busca de sentido, nem na de compreensão, mas no sair de si e alinhar as formas de se aproximarem ainda mais do que foi deixado para trás, e a partir disso tentar dizer algo novo – que talvez não tenha sido dito daquela mesma forma (ROLNIK, 1989). Explicaremos mais sobre esses conceitos, das linhas de fuga e transformações de Nietzsche adiante.

Questionamo-nos sobre nossas possibilidades de dizer o novo diante das experiências que vivemos na formação, e como foi duro tentar construir algo que já não estava ali. A Psicologia tem dessas, apesar de estar sempre em transformação, tem algo que parece que nos suga e nos enrijece. Tento me desfazer um pouco disso, até porque isso acaba se tornando um desafio na área acadêmica, e em campo, é preciso dar razão ao que te faz refletir, e buscar formas de aprender, mesmo que respeitando a instituição e suas formas de intervir. Acho importante termos a consciência de que as instituições são problemáticas, e que muitas vezes se segue de modo rígido algo que foi imposto ali. Todo esse padrão faz

considerar que as experiências nos levaram a algo novo, mesmo que esse efeito tenha sido mais pessoal do que geral, ainda assim, me fez pensar e produzir em cima das nossas impressões, através do nosso olhar, apontamentos que talvez nós só tivéssemos estarmos inseridas nos locais que nos inserimos. A abertura de dizer algumas coisas se constrói, e é preciso encontrar modos de como falar, de proporcionar diálogos que semeiem mais discussões e questionamentos. Problematizar a própria atuação e até que ponto isso está sendo eficaz, ou surtindo efeito, nos outros e em nós. Buscamos nossos próprios caminhos, mesmo aqueles mais difíceis de se inaugurar.

### **ENTRAR NO CAMPO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**

Compreendendo que o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários objetiva a meta da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (BRASIL, 2004), situa-se tal objetivo tanto no âmbito da Proteção Social Básica, cujo serviço de referência é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), localizado no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); quanto na Proteção Social Especial, que oferta o Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI), em unidades dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS).

Estas instituições atendem usuários/as em situação de vulnerabilidade social e risco, sendo assim, os CRAS são estrategicamente implantados em áreas do Município com maiores índices dessas situações. Já os CREAS dividem-se em unidades que acobertam, em seu plano inicial, toda a cidade.

Com objetivos de prevenir situações de riscos por meio do desenvolvimento de potencialidades, aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, o CRAS se caracteriza como a principal porta de entrada do SUAS, ou seja, é a unidade que se propõe a disponibilizar o acesso de um grande número de famílias à rede de proteção social de Assistência Social. Por sua vez, o CREAS também se direciona às situações de violação de direitos, assim, quando perpassa uma lógica de quebra de vínculos e violência, o CRAS já não consegue mais dar conta e encaminha as demandas para o CREAS, sendo ele responsável por contribuir com a construção desses vínculos que foram rompidos (BRASIL, 2012).

Como política pública e direito do cidadão há menos de trinta anos, o campo da Assistência Social possui como marcos legais a Constituição Federal de 1988, a regulamentação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) no ano de 1993 e a aprovação da PNAS em 2004. A política operacionaliza a proteção social no Brasil estabelecendo a divisão de responsabilidades e competências entre as esferas de governo, níveis e instrumentos de gestão, critérios de partilha e transferência de recursos, proteções a serem ofertadas, entre outros aspectos, que possibilitam a implementação do SUAS. É na PNAS que o vínculo é estabelecido como questão a ser priorizada no Brasil.

### **ENCONTRO COM FERRAMENTAS DO VÍNCULO**

Para compartilhar o caminho que trilhamos, colocamos-o lado a lado de Nietzsche e nos lançamos com ele nas três transformações propostas por Zarathustra (NIETZSCHE, 2002).

Em *Assim Falou Zarathustra* Nietzsche (2002) fala sobre retornar ‘tal modo de viver’, referindo-se ao estado que chama de Criança, sendo nosso curso de vida como uma dança entre as personalidades ou caminhos descritos à liberdade, o Camelo, o Leão e a Criança. Liberdade esta que muitas vezes é apenas a leitura que fazemos do mundo em nossa consciência diante de nossas subjetividades. A transformação ocorreria na sequência acima. E por que a Criança é o estado almejado? Vamos agora explicar ao explorar tais caminhos!

O Camelo é conhecido pelo estado em que uma pessoa carrega valores que foram colocados 'em suas costas' sem questionar. Ele luta simplesmente para conservar-se e é apenas dessa maneira que sabe viver. Quanto mais o servo sofrer aqui neste mundo, maior será a sua recompensa no outro mundo; em resumo, sua liberdade está na fuga desse mundo.

Nossa dimensão teórica, ao dar de cara com o vínculo, foi vivida como o camelo do dito “tu deves”, assim como possivelmente os documentos da PNAS que definem Vínculo são vistos pelos trabalhadores/as. Afinal, encontrar este conceito é saltar dos textos. O momento que nos deparamos em incômodo e a partir desse 'novo encontro' ele se transforma. É tirar o literal da palavra vínculo, seu sentido pronto e esbarrar em um processo

indefinido. Cada caso tendo sua especificidade e manejo único. O contexto (e o texto!) direciona, mas o Vínculo que manda!

Já, em sentidos de caminho de liberdade, o Leão representa esse estágio de revolta, quando o sujeito ganha consciência e questiona seus valores dizendo "não!" aos antigos e sai em busca do que lhe interessa. Ainda não pode criar seus próprios valores. Ainda está incerto. Sua liberdade é mediada por valores que lhe parecem opostos, e desta forma regula sua maneira de mover-se no mundo.

O processo do estágio descrito e uma primeira tentativa de escrita deste trabalho poderiam ser identificadas na transformação do Leão, momento em que alcançamos a liberdade para oportunidade de uma nova criação diante dos valores apresentados. Quando procuramos novas ferramentas ou novas adaptações, o processo se tornou uma grande imersão e busca transparecer ideias para dificuldades cotidianas. O afeto já transparece mais em jogo. Ainda não há uma fácil apropriação desejada, está a se ajustar.

[...] Essa é a limitação do Leão: sua autonomia ainda está muito presa aos antigos valores, e corre o risco de tornar-se apenas uma 'liberdade do contra', caindo num círculo vicioso de negação perpétua. Assim, sair dessa movimentação de pura destruição seria a terceira metamorfose, começar do zero, eleger novos valores, autênticos, genuínos, verdadeiros (TRINIDADE, 2018, p. única).

Por fim, caminhos são alcançados. Nos fazem sentir bem e nos mantêm ativas no trabalho e desenvolvimento de questões. Com a escolha da cartografia como metodologia permitindo exatamente a potência de invenção, consolidando a metáfora com a Criança que consegue dizer 'eu sou, eu posso, eu vou', consolidamos a escrita deste trabalho neste caminho.

A criança se encontra na condição de movimento constante, alguém que em sua própria dança ou ritmo, diante da renovação do que lhe soa novo, encontra vários estímulos que a fazem manter o interesse a criatividade de explorar, estes são seus valores; para além da transição entre as demais condições que o autor apresenta. Pois, afinal, estamos falando desse cotidiano; tão prazeroso, tão inovador, esperançoso ao contrário de rígido. Potente. Assim como permitir, utilizar-se, desenvolver a característica vínculo ao seu trabalho: o envolvimento é sentido. Não é para todos.

Há um divisor de águas no momento que esse *insight* (conceito do inglês, compreendido como uma clareza súbita na mente) é feito ou conquistado. Quando um muro

simbólico é quebrado e os medos distantes não se fazem mais atuantes; o estado da Criança é vivenciado; quando o/a profissional e o/a usuário/a em questão (ou alguém na condição de ambos) ganha autonomia e se expande em saúde, em modos de viver e politicamente, estando vinculados ao objetivo da garantia de direitos e com o campo de visão amplo e nítido. Possibilidades já estão adquiridas, a base está construída e a territorialização em jogo reconhecida. Para tudo isso, um trabalho de vínculo nos põe em propriedade de agir e direcionar cada caso.

E porque esse muro não é definido facilmente? Ele pode ir tanto do investimento monetário que se pode ter num caso, como financiar a saúde mental de alguém; da organização afetiva de tantas pessoas que o/a profissional se responsabiliza na assistência; ou até em medos do próprio vínculo e o sofrimento que a realidade dos casos trazem.

Podemos dizer que isso é conquistado com anos de trabalho e estudo, mas simplesmente, muitas vezes, como nos comportamos em conjunto nos faz sentir e utilizar a potência do serviço, manejá-la. As relações entre a própria rede pública em manter contatos simples como garantia – um transporte, uma alimentação para dar, uma assistência psicológica a prestar, escolas a dialogarem e manter alunxs, uma praça para tomar banho de sol, um posto de saúde próximo a quem precisa...; dependendo de como fortalecemos e engrandecemos tais relações vinculares mantém-se a constância do trabalho e a esperança vivas, sendo necessário um atendimento multidisciplinar e em demais redes de atenção.

Portanto, vínculo este que parte do reconhecimento em si na atuação da rede e também em sua atuação enquanto controle social; dependendo do modo que trilharmos nosso cotidiano, em linguagem, criação e corpo, mantemos nossa jornada de trabalho com saúde, importantíssimo para desenvolvermos questões. Aqui, vemos como a saúde do trabalhador/a caminha junto da sua força de trabalho. Como transitar/movimentar nossa potência criativa, se está a viver ou morrer diante dessas facetas à liberdade é sobre o que Nietzsche discorre – interpretada aqui em micropolíticas de trabalho em tentativas de abordar nossa questão.

É extenso pensar nas diferentes formas da gente atuar e de se perceber enquanto mulheres capazes de produzir o Eu Sou, cativando características externas e pontuais sobre nossa própria atuação enquanto ser no mundo. Diante das minhas experiências e relatos, me percebo na tentativa de dissertar sobre meus momentos de capturar o vínculo sendo construído da sua forma mais genuína. Foram dias longos de estágio, escritas intensas de

diários de campo, além de toda uma formação que engloba muitas riquezas territoriais, mas uma grande falha na mente de quem busca democracia ou direitos capazes de tornarem algumas vidas menos duras. De uma forma interessante, eu pude notar demonstrações de acolhimento que me fizeram entender como o vínculo pode ser promovido através da comunicação e da linguagem, às vezes sendo até mesmo na maneira como algo está sendo dito, ou se aproximando do ambiente do/a outro/a, observando suas potências, locais de fala, locais de convívio. É engraçado como eu, por muito tempo, me senti acolhida nas relações que desenvolvi ao longo do processo. Digo engraçado porque se espera que quem acolha seja o serviço, mas tantas vezes o/a usuário/a me fez sentir um conforto que me tornou imersa de um jeito diferente no lugar de passagem. Foram tantos os animais de estimação que pude brincar, me aproximar, me interessar em perguntar o nome e iniciar diálogos com seus/suas donos/as. Foram frutas, pés de pitanga, acerola, ou um simples filme passando na tevê que fizeram surgir trocas tão sutis e cruas do cotidiano. Muito mais interessante, para mim, do que chegar direto ao ponto, são esses diálogos e aberturas que nos deixam fazer ainda mais parte do local em que estamos.

Certa vez, durante o estágio, cheguei em uma casa que não tinha animais para brincar ou perguntar o nome, mas tinha um enorme pé de pitanga cheio de fruto. Fiquei olhando para aquela árvore bonita, e antes mesmo de eu perguntar, a senhora proprietária da casa me ofereceu, falou para eu provar a pitanga que ela havia plantado. É muito gratificante ver no olhar a recompensa que ela sentiu ao me ver comendo a fruta, algo que poderia parecer sem relevância em outras situações, nesta se tornou algo importante para se construir um diálogo, um vínculo. Talvez outra característica que me faça refletir sobre isso, seja o fato de eu ser jovem e muitas idosas falarem que eu lembro suas netas e coisas desse tipo. É intrigante como o vínculo ultrapassa barreiras até mesmo físicas, no jeito de olhar ou de falar, no cabelo ou no estilo, tudo é bem demarcado e específico. E aí também existem os desvios do vínculo.

É diante desse entendimento que me enxergo cercada de bons encontros, destes que Spinoza (1979) já vinha falando em sua época, nos quais temos total capacidade de afetar e de ser afetado/a. Pelbart (2013) diz que a cada bom encontro, aprende-se a selecionar e a produzir novos encontros. É como se compor bons encontros fosse visto como uma grande arte, e é a partir do seu processo que aprende-se a captar elementos, matérias, indivíduos, grupos, ideias, que podem compor com cada um dos modos que aumentam a potência de

ação. Composições orientadas a formar uma potência maior, que resulta em uma alegria maior (PELBART, 2013). Ou seja, quanto mais afetado/a por esse encontro, mais ele tende a nos trazer felicidade. Esse encontro pode ser uma amplitude de coisas, como um abraço quando se quer ser abraçado/a, ou um copo d'água quando se está com sede, ou uma música. Qualquer coisa que simbolize algo prazeroso quando em contato com nossos corpos. É esse corpo que grita por afetos, que quer ser afetado, que quer potência, produção, desejo. É esse mesmo corpo que é Camelo e tenta romper as linhas de fuga, se transformar em Leão e ter consciência de si, de produzir o “eu sou”.

Essa busca incansável de consciência tanto nos aproxima quanto nos afasta de nós mesmos. A consciência possui níveis, segundo Spinoza, ele denomina esse estudo como a teoria dos gêneros de conhecimento, sendo o primeiro deles o gênero da consciência, onde o ser percebe apenas o que está exposto e sofre os efeitos disso. O segundo gênero é a razão, que permite que o indivíduo comece a entender as noções comuns, e conhecer aquilo que vem de fora, buscando uma possível “verdade”. O terceiro e último gênero, seria a ciência intuitiva, que é um gênero criativo, onde tem por objetivo a produção do novo, a desconstrução. Para Spinoza, a liberdade só vai existir se o homem conseguir chegar nesse último nível, que seria o caso dos gregos, que priorizam o poder de si próprio, conhecer a si mesmo, para só em seguida administrar sua cidade e economia. Os gregos produzem a estética da existência, ou seja, a questão deles é produzir uma vida bela quando adquirem a liberdade.

Se analisarmos a teoria tanto de Nietzsche quanto de Spinoza, percebe-se uma similaridade entre a construção do processo de subjetivação do sujeito. A busca pela liberdade se configura como uma busca eterna, um retorno complexo à raiz de questões maiores, que seriam as linhas de fuga. No fim das contas, a filosofia da diferença se move por esses filósofos, se sustenta no saber da identidade e de fortalecer toda ideia de que somos sujeitos mutáveis, capazes de ter consciência e de usá-la para produção ainda mais extensa do ser no mundo.

## **VÍNCULO COMO PROCESSO ENTRELAÇADO DE SUBJETIVIDADE**

“[...] Sofrimentos perversos que hoje estão ali, e, nós, aqui. Momentos que não são fáceis de digerir. E mesmo que sejam engolidos, tranquilizados e racionalizados, 'a vida é assim', e

continuam a ser sentidos. Temos nossas falhas, nossos entraves e nossas faltas de controle também. Buracos que escapamos por e que às vezes em nós eles se instalam. E por isso não estamos sós. Estamos atravessadas.”

Retomamos aqui o que escrevemos na página seis, introdução deste trabalho, para pensarmos nesses atravessamentos e escapes. Dessa forma, vamos falar sobre nosso 'pensar'.

A nossa constante construção de ideias quando estamos nos inserindo em ambientes, não apenas em um campo de trabalho novo, provém da nossa linha de raciocínio, cotidiano e sensibilidade. Nosso pensamento está conectado a também nossa chamada consciência – ou quase tudo que, de certa forma individual, estamos cientes e sabemos (ou não, pois a consciência também suas facetas como o ‘lado escuro da lua’, nunca vistas, mas existentes e presentes) – sendo composta por elementos, conexões próprias, não tão fundas como um buraco sequer, mas sem forma limitada, indefinidas por constituírem parte de algo tão infinito: nossa subjetividade. Sentida, transmorfa e em constante movimentação, a subjetividade está intrínseca à nossa consciência.

Em termos esquemáticos e simplificados, a consciência como subjetividade estaria referida e se constituiria através destas instâncias - eu, pessoa, cidadão e sujeito - e seria ativa, sede da razão e do pensamento, capaz de identidade consigo mesma, sujeito de direitos, virtude e verdade (COSTA, 1998, p.411).

Gilles Deleuze e Félix Guattari desenvolvem o conceito da 'linha de fuga' nos dois volumes da obra *Capitalismo e esquizofrenia: O Anti-Édipo* (1976) e *Mil Platôs* (2011). Basicamente, a linha de fuga é uma das três linhas que formam o que Deleuze e Guattari chamam de agenciamentos, e ela própria atua como um fator de um agenciamento que, em última instância, permite que seja adaptada a mudanças, as quais podem estar associadas a novos fatores sociológicos, políticos e psicológicos.

Entender a proposta “geográfica” do pensamento de Deleuze é fundamental à discussão aqui empreendida para observar as transformações do conceito de subjetividade. Desde a concepção substancial até a “maquínica”, essas transformações seguem o caminho de uma lenta e progressiva mudança de orientação no curso do pensamento filosófico ocidental: [...] que estabelece bases sólidas para os sistemas filosóficos, para o eixo horizontal, ou “eixo conectivo”, “rizomático”, que desmonta o fundamento último das coisas e revela seu caráter fragmentário, descontínuo e acidental (MIRANDA & SOARES, 2008, p. única).

No dia em que buscamos compreender nossos processos de subjetivação (ou como nossa consciência é construída, sustentada e atravessada) através da noção de linhas na esquizoanálise, em disciplina de Grupais II, ministrada por nossa orientadora deste trabalho; começamos com um cobertor de cama segurado de forma horizontal pelos participantes de pé. Foi aí que Marília jogou uma compressa de água em cima e causou profundidade violenta, querendo a usar como metáfora da imposição de um gênero à nós (ao ser ligado com o “sexo” que nascemos, logo também, à certa sexualidade que nos é atribuída), mesmo antes até de descobrirem se temos genitália feminina ou masculina (e se tiver as duas, na maioria, os pais que escolhem mesmo) e assim, se somos menina ou menino, se usamos rosa ou azul, se mandamos ou obedecemos, ou, ainda, se temos ou não o tal *falo* (simplificando aqui, em exemplo, como o pênis).

Fiquei horrorizada na hora, de forma até cômica, porque foi bem impactante! Tudo bem, já me envolvi em conversas e sofri sobre isso diversas vezes, mas o cobertor estava tão tranquilo que causou muito incômodo ver 'de novo' tal questão, daquela forma figurada, porém devastadora. Porque o cobertor não era apenas nosso corpo, mas nossos desejos, nossas subjetividades sendo construídas nessa linha dura de ordem que a gente esquece quando já se vê tão normatizada. Tudo bem que eu não me acho *menininha* assim, mas olha, eu tenho e *tive* cabelo relativamente grande desde pequena (ou desde menina, que é como a gente já é acostumada a dizer também!), usei vestidos várias vezes mesmo querendo testar outra coisa, ouvi e ainda ouço que se eu sair com tal roupa eu estaria “pedindo” assédio, já fui determinada pela família a não participar de grupos ou eventos porque só tinham meninos, em coisas como futebol, tocar guitarra, pois não são 'atividades de menina', mesmo sendo paixões pessoais, ainda, atendo por nome e pronome feminino e sempre me colocavam pra fazer par na dança do colégio com garotos, pra mim, maldosos e asquerosos, metidos a bolinador, enquanto umas meninas eram bem melhores de rastapé, por exemplo.

Então, tornei-me dura nisso, por mais que tenha criado algumas linhas de fuga, ainda há consequências mais profundas – e que bom se eu não me deparar tanto com questioná-las! De certo modo, eu também me tornei mulher porque soube que queria ser assim. Me identifico e luto por isso. Ainda bem que encontro certo conforto em meu corpo, não necessariamente ao que me atribuem diretamente a este fato, por ter feminilidade, mas afinal, 'o pensamento tem razões que a consciência desconhece'.

Segundo Guattari, produzimos nossas subjetividades entre linhas rígidas, maleáveis e de fuga. Nesta mesma aula, em seguida, outros objetos iam sendo adicionados e nos mostrando de uma forma cartográfica seu peso naquele pano que atravessava a direção que segurávamos juntas/os. O termo subjetivação trata-se de um processo, sendo importante entender as relações das “forças de sentidos em que nos tecemos em sociedade e mundo, e que (...) também nos escapam, esboçando assim outras experiências de sentido ou simplesmente caotizando as já formadas” (CASSIANO & FURLAN, 2013, p.373). Ou seja, trata-se de algo transitado e sustentado entre as linhas citadas e desenvolvidas por estes autores.

Além disso, há um destaque diferenciado para o desejo que já foi chamado atenção ao longo deste diálogo: desejo enquanto uma “condição dessas relações, imanente a elas, conforme as linhas que compõem o mapa da nossa realidade” (CASSIANO & FURLAN, 2013, p.373), ou seja, não como falta, mas possibilidade.

Como há o diálogo direto das concepções da subjetividade com a sociedade em que vivemos, sabemos que as linhas duras (como gênero) existiriam em qualquer tipo de sociedade, de formas diferentes e dependentes da qual, causando a ideia de controle e até mesmo fluxo (no sentido de natural, de que estava previsto em tal padrão vivenciado e reafirmado). De tão enraizadas; de tão profundas; Assim, são linhas que também definem o que é compreendido por inadequado (ou seja, tudo fora desse padrão!) e, desse modo, constituem nossas identidades, as quais variam segundo as posições que ocupamos nas relações sociais. Por exemplo, posso ser Julia a aluna, Julia a não-heterossexual, Julia a filha. E por aí me fixo. Sendo que, claramente, esses contextos se cruzam. Nesse sentido, é como se as profundidades fossem acentuadas, como uma forma matemática de soma não exata e não definitiva, mas que por serem duras seguem em oposições e lógicas duais, diferentemente das maleáveis.

Tais linhas maleáveis implicariam maior fluidez, apresentando um funcionamento rizomático, no sentido de se pensar um conceito à imagem de uma raiz que não tem início ou fim, que se ramifica e se espalha, sem centro definido, podendo assim, estar presente em maior ou menor grau em qualquer relação. Ainda há a presença da multiplicidade heterogênea de elementos (a ideia de “soma”), no caso, podendo haver a conexão entre diversos pontos, sendo capaz até de se traçar novas linhas, ou seja, possibilidades.

No caso, é onde conseguimos provocar mudanças também de forma 'mais visível, mais exposta' à nós – nos microespaços, nas micropolíticas. A exemplo, trabalhar o conceito de configuração familiar para além de uma base considerada tradicional, adicionando novas possibilidades; quando vemos pequenas mudanças de perspectiva em grupos próximos que não condizem com uma realidade estabelecida em "base", a considerar contexto do país, histórico, mundial etc. Não significa que linhas duras não possam ser maleáveis, mas compreendendo isto no conceito de rizoma, da forma botânica e molecular que os autores se utilizam mesmo, estariam as maleáveis para além de uma “base”, de uma raiz fixada... não seriam mudanças no chão, mas já na terra que podemos usar para cobrir ou pôr um piso, cavar uma piscina ou plantar algo, que nunca será tão profunda quanto o chão de fato.

Por não se encaixarem nas dualidades há, por um lado, pressão [às linhas maleáveis] para que sejam sobrecodificados por linhas duras a todo momento, mas, por outro, para que sigam os devires e se desestratifiquem, seguindo as mudanças imperceptíveis, aproximando-se do modo de funcionamento do terceiro tipo de linha: a de fuga (CASSIANO & FURLAN, 2013, p.374).

Por fim, as linhas de fuga seriam a ruptura, a revolução e as transformações não sobrepostas pelas demais linhas. Sendo assim, são ativas, imprevisíveis e sem modelo de orientação. Relembrando, elas todas estão em constante movimentação, de forma perceptível ou não, atravessando-nos em nossas relações consigo, com outras/os e nossas questões, afetos e medos do mundo, ao universo e (in) finito. Pode-se ainda entender como uma construção e desconstrução constante, no caso, chamando-o de processo de subjetivação-dessubjetivação.

O estudo destes conceitos influenciou não apenas na nossa metáfora de análise sobre vínculo, mas também no caminho que trilhamos a isto, em metodologia e epistemologia.

## **VULNERABILIDADE SOCIAL, PNAS E VÍNCULO**

Encontramos durezas em nossa imersão com o vínculo nas quais procuramos sempre ferramentas possíveis para amaciá-las. Assim como as linhas de fuga de Deleuze, que não são equivocadas como mágica e partem de um encontro provocado, a nossa escrita precisou do mesmo processo para transbordar. "Os belos livros são escritos em uma espécie de língua estrangeira" (LINS, 2012, p. única). Isso remete não ao inglês, alemão, português de Portugal ou o que vier de fora, mas da liberdade que nos configuramos ao expor nossos

pensamentos. Como exatamente os expelimos e transformamos. Nos referimos a formas não hegemônicas de escrita acadêmica, como as que arriscamos nesse texto. Assim como na atuação profissional, precisamos de um pouco de 'ar fresco' para circular, fazer acontecer, e de fato, pôr nossas engrenagens a rodar. Essa liberdade, essa brecha, essa fuga também evocada pelo desenho cartográfico, permite tal momento único ser aproveitado e visualizado em sua potência. Como um "destrave".

Decidimos compartilhar algumas vivências que carregamos enquanto uma materialização dos nossos encontros na assistência. Ao escolhermos um caminho de texto subjetivo, sentimos necessidade, enquanto dupla, de retornar a momentos empíricos para fortalecer a nossa escrita. Os diários de campo produzidos no estágio ajudaram nesse processo, pois pude reviver afetos reais escritos no auge da experiência com a assistência social. Retornei a uma situação específica que me fez pensar ainda mais em tudo que já está sendo dito, onde fiz uma visita domiciliar em um bairro no litoral, na intenção de encontrar com uma usuária do CREAS que havia sido acusada, através de uma denúncia anônima que recebemos no serviço, de não ser capaz de cuidar da sua filha mais velha, de 12 anos, e que havia perdido a mãe a pouco tempo, avó da garota. Este falecimento acabou mudando bastante a lógica da família, pois a garota era cuidada pela avó, e a menina precisou ficar em algum canto para lidar com o luto, tendo em vista que sua mãe de criação havia falecido. Em meio ao caos, a tia da garota se ofereceu para acolhê-la e ajudá-la a lidar com esse processo. Tudo soa um pouco contraditório, conseguimos fazer a visita tanto no ambiente da mãe biológica quanto no da tia, que trabalhava como cabeleireira em um salão próximo a sua casa. Na visita domiciliar, na casa da tia, moradia atual da menina, pude conhecer a garota e ter uma aproximação interessante com ela, nossa conversa fluiu e ela parecia ter queixas consideráveis em relação a sua mãe biológica, como negligências em relação a ser bem cuidada, cenas de agressão por parte da mãe quando a mesma estava bêbada, que provocaram lesões sérias e irreparáveis, e também, cenas de prostituição. Essa cena foi impactante e marcou a minha trajetória, pois foi minha primeira visita pelo CREAS enquanto estagiária. Tudo ainda parecia muito novo e várias questões me chamaram atenção, mas ainda não conseguia ter autonomia de me expor ou de intervir nos diálogos mais precisos, como questões de acompanhamento psicológico e médico, busca de direitos e todo o processo de adoção, de como a tia teria que agir, burocraticamente, para conseguir a guarda da garota. Foi um momento de observar e aprender com minha supervisora, de

entender melhor o funcionamento do serviço na prática e de perceber os diferentes ambientes que nos inserimos, tentando investigar o que potencializa aquele sujeito.

Isso me fez compreender um pouco melhor o afastamento e escolha da garota em ter ficado longe da mãe. Ao chegar na casa da tia, notamos de imediato um conforto maior, e a garota se mostrou bem empolgada de estar lá e ter conseguido manter esse afastamento da mãe. Mas tudo isso é bem delicado, pois gira em torno de uma raiz familiar onde o dinheiro e a sexualização dos corpos é bem presente, e dentre as possibilidades que surgem enquanto serviço, é sempre cuidadoso esse afastamento da mãe biológica, pois exige questões que facilmente se repetem em toda a família, como por exemplo a tia se oferecer para cuidar da garota apenas no interesse de ganhar uma renda maior do bolsa família ou coisas do tipo. Essas reflexões surgiram no momento em que levamos o caso para o CREAS e nos juntamos, coletivamente, com a advogada, assistentes sociais e psicólogas para tentar compreender o que seria mais eficaz para aquela família. Nessa reunião eu me vi bem confusa, quando minha supervisora abriu seu caderno (ela costumava anotar tudo nele) começou a demarcar pontos que seriam relevantes de se analisar, e também propôs uma visita na casa da mãe biológica, para compreendermos como ela estava lidando com essa perda da guarda da filha, e também orienta-lá de alguma forma, tendo em vista que ela havia perdido a mãe e agora sua filha também estaria escolhendo morar com outra pessoa, que não ela.

Decidimos então fazer uma visita na casa da mãe biológica, para tentar entender os processos dela, e como ela estava lidando com tudo isso. Faço uma breve análise da logística na qual me inseri, de estar em uma instituição localizada em bairro nobre, onde o trajeto se tornava extremamente confortável, vendo a praia todos os dias. Estranho é pensar que esses bairros do litoral habitam pessoas que poucas vezes tem um contato com a praia, por exemplo. Então mesmo os habitantes desses bairros, que estão tão perto do mar, não conseguem ter dinheiro ou uma acessibilidade que faça sentido para desfrutar e ocupar aquele espaço que vivem. A questão do deslocamento é um problema que precisa ser pensado e falado aqui. Em meio a essa visita no lar da mãe biológica, me deparei com uma ladeira que eu simplesmente não conseguia descer, ou subir. A prefeitura, na intenção de fazer dessa ladeira uma escada, não obteve êxito ou apenas esqueceu que pessoas precisam se deslocar ali. Foi uma situação incômoda mas que fez o vínculo ser mais um foco. Minha supervisora estava usando salto e precisou ficar descalça para se locomover e descer até a

casa da senhora, que era logo embaixo da ladeira. O mais interessante foi o acolhimento que tivemos com essa situação, a usuária nos emprestou sandálias para que a gente conseguisse descer e ainda me ajudou com suas mãos, incentivando o equilíbrio. Estranho também foi notar que aquilo foi se adaptando, a ponto daquela família morar tranquilamente em um lugar tão difícil de ser acessado. Mais estranho ainda foi pensar em pessoas com dificuldades reais de deslocamento, como cadeirantes, gestantes, idosos.

Nessa cena eu consigo capturar algumas perspectivas que complementam um pouco o que foi proposto pelos filósofos que decidimos estudar. Quando penetrei melhor nos ideais da família e compreendi um pouco mais sobre o rompimento de vínculo da mãe com a filha, no qual a avó (mãe da mãe) foi responsável pela criação da garota, percebi como isso parece se repetir. Essa análise de repetição foi uma ideia que surgiu da minha supervisora, em meio a reunião que tivemos. Ela explica como é complexo adentrar em uma família e investigar o que se passa ali, pois somos pessoas de fora, que por mais que se fortaleça um vínculo, ainda é difícil ganhar confiança dos usuários e usuárias, de modo que eles sejam totalmente sinceros sobre suas necessidades reais, e afetos. Acaba que, por isso, existe um certo pragmatismo nesse acompanhamento, buscando informações sobre questões mais gerais, de rotina e de vida. A avó, por sua vez, tinha vícios negligentes, bem semelhantes aos da filha, como o uso de muita bebida alcoólica e o hábito de levar rapazes para fazer sexo na sua residência, com a garota por lá. Isso aparece em toda estrutura familiar, penso em como isso se encaixa nas repetições trazidas por Nietzsche e outros filósofos. Como a vida e toda a construção familiar, os rompimentos, necessidades pessoais, tudo isso se intensifica de modo que as crianças são as principais afetadas neste ciclo, pois é um momento de muita vulnerabilidade e observação, o que faz total conexão com o desenvolvimento de mecanismos de defesa, fugas.

A avó, a mãe, a tia, a adolecente, todas crescidas e criadas em locais de extrema pobreza e que o corpo precisou ser utilizado como um escudo para situações de violência. Ou usado para praticar a própria violência. A sensação que me consumiu, enquanto estagiária, era me vincular a momentos como estes e voltar para casa com uma frustração de ter me inserido em algo e de simplesmente não saber qual caminho tomar, ou o que vai ser melhor para aquele ambiente. Foi nessa busca de autonomia dos usuários e usuárias que entendi melhor o serviço do CREAS e me permiti a construir em conjunto, mesmo não tendo tal certeza. Foi uma troca importante, uma das melhores que tive.

Passando a vez... vou compartilhar aqui um dos lugares (não fixos) que mais vivi e senti o vínculo sendo costurado. O SCFV (Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos) é um serviço que tem como objetivo fortalecer as relações familiares e comunitárias, além de promover a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva. A unidade do CRAS que participei num bairro em Maceió não comportava um espaço físico disponível para a oferta cotidiana do SCFV, portanto, havia apenas grupos referenciados do território, ou seja, que se reuniam em outros locais com atividades promovidas pela equipe da unidade. Uma articulação existente se dava com um grupo de igreja, todo composto por idosas e idosos. Era aí que surgiam as oportunidades de lazer para os usuários/as e de conexão com pontos da cidade que muitas vezes eram inacessíveis a eles. A maioria deles tinha algum vínculo com benefício cedido pela Assistência, mas também havia vínculo com os colegas de bairro, assim como vínculos que envolviam complexidades, como o sofrimento por maus tratos, como viver com dificuldades físicas, não ter apoio da família etc. E ali nos encontrávamos, não necessariamente para falar dessas questões, mas para conhecer os usuários e nos aproximar. Para também lanchar junto, algo que possibilitava estabelecer relações menos duras, menos hierarquizadas. Dessa forma, não apenas desenvolvemos boas relações e confiança, mas também crescia a vontade de envolvimento por parte delas/es. Alguns chegaram a fazer parte de representação (controle social) em reuniões nacionais, podendo compartilhar um posicionamento e demandar questões para a comunidade, exercitando cidadania. Importante observar esse movimento "vai e volta" do vínculo. Porque nem sempre o vínculo é algo a ser "imposto" pela/o profissional da área. Mas a ser cultivado em um grupo. Assim, havia partilha de receitas de bolo, histórias, aprendizados e coisas que afetaram também meu cotidiano fora do local de estágio. E muitas vezes essa foi a linha de fuga que encontramos ao vínculo. O fato de gostarmos de certo cantor antigo, por exemplo, era imprescindível para chamar atenção e desenvolver um espaço de afeto naquela pessoa, de forma a considerar e confiar também no serviço. Foi uma possibilidade que se manifestou no ambiente proporcionado e afetou. Também remetendo aos bons encontros de Spinoza.

Em 2019 várias promessas foram feitas pelo presidente Jair Bolsonaro, como a de pagar um décimo-terceiro salário aos beneficiários do Bolsa Família. Porém, o número de participantes caiu drasticamente ao longo do ano e fechou com um número de um milhão a

menos de famílias, em relação ao ano anterior. Além disso, a fila de espera para passar a receber o benefício, que tinha sido zerada em 2017, chegou a 1 milhão de famílias. A entrada é controlada por falta de verba<sup>1</sup>. Ainda, muitas vezes isso se tornou assunto dos encontros, sendo um modo de capacitação acerca do mantimento dos seus benefícios, como simplesmente manter certos dados e documentos em dia.

Era incrível perceber o vínculo simplesmente ao transparecer o processo, como ao mostrar a tela do computador durante um atendimento no serviço. Muitas vezes os usuários/as não sabiam informações importantes sobre o funcionamento do seu próprio benefício, ou como as coisas funcionam, como nossos limites de atuação também aí. Há decisões que não podemos modificar por si, informações que não estão no alcance da equipe, há benefícios que não podemos liberar mesmo tendo todos os dados completos, nem sempre há o acesso; há várias etapas para que algo aconteça. Como agentes de um serviço vivo e acessível, nosso vínculo com as outras instâncias dele são extremamente necessárias de modo a nutrir este conhecimento e acesso à rede. É uma forma de partilhar o conhecimento com o usuário/a e empoderá-lo/a também. É dizer 'tamo junto'.

A unidade citada dispõe de uma equipe técnica mínima com um psicólogo (que era meu supervisor) e seis assistentes sociais (sendo uma a Coordenadora do CRAS). Com esta configuração, considera-se uma unidade de Médio ou Grande porte, com 5.000 famílias referenciadas em sua área de abrangência.

No acompanhamento dessas famílias e sujeitos, a Psicologia atua no sentido da compreensão de todo o sistema familiar, dos potenciais que têm cada pessoa/membro(a) e de seus modos de sobrevivência em contexto de territorialidade, partindo de um olhar ético e profissional nosso, para além de estar intrínseco a um fazer específico e único da profissão. É um campo que pretende e só se consolida na interdisciplinaridade, ou seja, as funções de trabalho entre Serviço Social e Psicologia, principalmente, são atravessadas e andam lado a lado, ao por exemplo, comporem a equipe técnica. Além disso, pode contribuir com um olhar que reconhece as singularidades de cada situação de vulnerabilidade social e de direitos das famílias atendidas, no intuito de compreender os sujeitos envolvidos e construir com eles e elas possibilidades de ação, sejam

---

<sup>1</sup> Folha de São Paulo. *Repórter visita cidades pobres onde o Bolsa Família recuou*; ouça. Café da manhã (podcast), 2020. Disponível em <[www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/02/reporter-visita-cidades-pobres-onde-o-bolsa-familia-recuou-ouca.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/02/reporter-visita-cidades-pobres-onde-o-bolsa-familia-recuou-ouca.shtml)>. Acesso em: 11/02/2020.

encaminhamentos para outros serviços da rede socioassistencial, para o acesso aos programas sociais ou demais serviços (CONPAS, 2016).

Uma primeira grande barreira em constituir um diálogo é idealizar como pode ser feito, de que modo se torna acessível para que todos/as possam compreender e participar; ainda, não é simples construir uma ideia que capture percepções e olhares de ambientes em que se está fortemente entrelaçado. No desafio que é a escrita de uma temática tão dinâmica como vínculo, num país de disparidades sociais e de (des)acessos aos direitos humanos, a Assistência Social se faz necessária.

Tendo em vista a importância social e política da temática a ser dialogada, através de produções e leituras coerentes com a mesma, entende-se vínculo de modo estrutural e como tal conceito está ligado tão fortemente à área da saúde e, principalmente, à assistência social. É justamente neste aspecto vincular, de associação de ideias e construção de diálogo que encontramos locais nos quais podemos nos confrontar. Foi na prática de vivências dessa área que a necessidade de ressaltar a construção e reflexão cotidiana sobre a presença do vínculo na esfera social, e principalmente, profissional, se fez.

No nosso país, a assistência surge com uma perspectiva de estabelecer direitos e diminuir a vulnerabilidade social, dando autonomia e buscando lutar contra a falta de acesso a direitos e informações para pessoas pobres. É nessa busca de melhorias sociais e civis que a rede socioassistencial atua, seguindo uma longa trajetória de marcos estruturalmente históricos que acompanham o país. Foi com a expulsão da população preta e pobre que a formação de locais de moradia marginalizadas começou a se intensificar. É problemático pensar que mesmo na modernidade não se conseguiu promover uma espécie de segurança social para essas pessoas e verticalizar este processo tão violento. Não há como cumprir promessas como o fim da desigualdade de direitos e da busca de autonomia do sujeito sem inserir o atual posicionamento da sociedade frente aos problemas (CASTEL, 2005).

Um dos desafios determinantes na rede socioassistencial é compreender a vulnerabilidade que os/as usuários/as se encontram no seu cotidiano, e que impactos a negação dos seus direitos e cuidados pode ter de forma social, política, econômica e emocional. É a partir disso que uma reflexão surge, pois a compreensão de uma rede de apoio que sempre é falha e sofre por contradições dentro do próprio serviço. Ou seja, pelo fato do serviço não ser algo eficiente no território traçado e pelas demandas desproporcionais para quantidade de profissionais, a ideia de proteção se desintegra em

meio a diversas famílias vulneráveis, não podendo oferecer uma rede de cuidados mais eficiente para aquela família específica, idealmente envolvendo diversas áreas e equipes. Ainda, quanto mais vulnerável o indivíduo está, mais complexa é a construção do vínculo nas possibilidades que podem o acolher.

Aqui, o vínculo se torna necessário por caracterizar uma aproximação entre não somente a instituição e usuário/a, mas profissional e usuário/a, o que permite criar um diálogo no qual é levado em consideração todos os contextos sociais e políticos em que aquele/a indivíduo atua. Ou seja, surgem diferentes demandas que precisam ser refletidas e pensadas como um todo. "Cada caso é um caso": uma frase de grande importância na Psicologia que se faz extremamente presente.

O acesso à própria moradia ou a locais de saúde, como Unidade básica de saúde (UBS) e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), nos territórios em vulnerabilidade social, muitas vezes são difíceis e precisam de uma ajuda do serviço de assistência para que algo seja feito. São em situações como estas que nossa atenção acerca da autonomia surge. Como promover autonomia para essas pessoas se muitas delas não têm acesso às meras informações sobre seus próprios benefícios e como utilizá-los? Possivelmente, o serviço atua principalmente na comunicação, explicando passo a passo como garantir os próprios direitos através dos benefícios gerados pelo estado e sempre capacitando o usuário/a. Esse diálogo é atravessado por diferentes trocas, por exemplo, ao visitar um/a usuário/a, o serviço está, de certo modo, invadindo a intimidade de alguém, e isso precisa ser feito de formas muito cuidadosas, focando no acolhimento e no funcionamento de ferramentas para conquistar atenção na rotina daquela pessoa. A chave está em como esse diálogo é possível e mantido: através do vínculo.

## **ACOLHIMENTO E AFETABILIDADE NO VÍNCULO**

Expomos algumas situações em que o acolhimento aparece de uma boa forma (quando funciona), ou de forma truncada, ou de forma em que o vínculo pode nos levar a uma situação "vai e volta". É importante reconhecer uma rede social, que assim como um tecido, é uma malha de relacionamentos cujos vínculos possuem densidades diversas (PINTO & JUNQUEIRA, 2009, p.1094). Podemos pensar inúmeras variáveis que compõem o processo de construção de vínculos e suas interpretações em redes de proteção social. Ou

seja, vínculo não é algo que dá para segurar com as mãos e manipular. Para além da sua compreensão como um mero laço ou associação, vínculo apresenta-se como um objeto imaterial que ganha existência porque constantemente sustentamos redes de práticas que o produzem (RODRIGUES & GUARESCHI, 2018). Seja relacionada ao poder (como pensarmos ao governo), ao afeto (em relações humanas e acolhedoras) ou à ética (direitos humanos serem efetivados). Ou seja, pode ser vínculo com a igreja, com o futebol, com a vizinha, com seu trabalho, com uma condição de saúde, com o pequeno auxílio que o governo dá, com a sua família, com o grupo de idosos desenvolvido pelo CRAS, com o pé de fruta, o cachorro, a novela, a possibilidade de estudo, as condições exaustivas e exploratórias de trabalho, e muito mais.

Uma vez que o campo afetivo nos preenche e nos molda, sabemos que o contato vincular transparece de afetividade. Estamos envolvidos/as. Em dimensão afetiva da rede socioassistencial, diante do desafio de burocracias constantes, mudanças ao trabalho conseguir ser efetuado e atingir o público que o serviço é direcionado, simplesmente acolhê-lo, firmá-lo; o que nos transborda é ter a rede conectada, disponível a promover a dita prevenção aos casos de vulnerabilidade; assim como oferecer o básico a todos que se encontram em nós desamarrados desta. Ou seja, a comunicação e a linguagem utilizada é um dos meios privilegiados da nossa potência. Como seguramos e transpassamos essa situação. Seja em trabalho ou instância pessoal, o resultado é político-social. É amplo, cotidiano, localizado.

E trabalhamos com afetos. E escrevemos com afeto. O vínculo sempre fez parte. Vai e volta.

Diante de um primeiro contato entre serviço-usuário, serviço-serviço, ou serviço-usuário-serviço; a criação de vínculo se mostra em urgência, pois muitas vezes a abordagem do serviço pode se caracterizar como uma situação inédita ao usuário/a, ou a outro serviço da comunidade, apesar de estarem atuando em diversas dimensões do local. Mais uma vez, evidenciamos a necessidade do trabalho de base vincular, de forma a acolher a situação preventivamente.

Assim, vemos que a dinâmica do cuidado atravessa questões que vão para além do saber, que se baseiam em uma espécie de manejo de como criar vínculos em ambientes diferentes dos quais estamos habituados/as, e, principalmente, sendo estes ambientes de vulnerabilidade social. São locais marginalizados de não-privilégio, onde as pessoas passam

fome em suas casas. A ausência de investimento público dificulta muitas vezes a própria acessibilidade da equipe aos territórios, sejam agentes da assistência, saúde e outros.

A dimensão de vínculo, segundo Pimenta & Alves (2010), perpassa uma relação qualquer e se dissipa numa ideia de afetividade, de entendimento de outro, de aproximação e cuidado. E para isso, deve haver uma troca de confiabilidade. Ou seja, propõe pensarmos na construção de uma relação que começa na possibilidade estrutural (ter o serviço localizado em região próxima a moradia das usuárias, para que possa visitar como receber usuárias) e no acolhimento deste (para que o público utilize do mesmo). Por exemplo, sendo de um serviço público, envolve como sua instância é absorvida pela população que possui visões acerca do Estado que as coordena. O vínculo passa a existir antes do contato físico, estando também nas meras possibilidades e como fazer para criá-las. Assim, pensamos a dimensão da acolhida e a abertura ao serviço diante do seu público.

Esse afastamento territorial (que caracteriza diversos espaços vulneráveis, estando marginalizados e escondidos a boa parte da cidade, localizados distantes de centros culturais, turísticos e de lazer da cidade) engendra uma gestão autônoma que muitas vezes acentua as divisões entre seus bairros como resposta. Seja, por exemplo, na presença do tráfego que dificulta o acesso de uma equipe de saúde ou assistência, tendendo a ocorrer desconfiança e dificultar um acolhimento espontâneo.

As barreiras na execução de práticas são diárias. Os acompanhamentos às famílias realizados nos serviços, que deveriam ter característica corriqueira, passam a ser espaçados e demandam um certo tempo de uma visita para outra pelo excesso de demanda e a contratação de poucas/as profissionais em cada instituição. Por exemplo, esse processo de "escolhas" está até na utilização do transporte para a visita domiciliar, como envolve uma dinâmica de organização semanal, sempre remanejando conforme as situações que estão em maior gravidade, tornando o serviço uma lógica pragmática e ineficaz em casos que soam menos importantes ou gritantes no momento. A demanda é enorme e seu investimento é desproporcional. É nesse ponto que se nota ainda mais como o vínculo pode sofrer bloqueios, pelo simples fato de não existir verbas suficientes para um acompanhamento mais eficiente; assim como o vínculo também pode fazer um caso ganhar atenção especial. A afetividade grita presença!

É um vínculo estabelecido que permite o trabalho preventivo à vulnerabilidade, assim como é necessário tal vínculo fortalecido para os casos mais complexos. Se o vínculo não existir ou estiver enfraquecido, as possibilidades de atuação diminuem drasticamente.

De modo bem enraizado, é preciso pensar como acolher e conectar realidades que são distintas, pensar o que aproxima e o que une essa lógica do saber e da proteção, e refletir também sobre como pode-se informar ainda mais esses/as usuários/as acerca dos seus direitos e benefícios conquistados perante o Estado (de forma a mantê-los e a demandar). Estado esse que se encontra totalmente frágil nesta área, tendo em vista que precisamos de uma rede de apoio consistente e de diferentes abordagens para dar conta de tamanha demanda, onde o atual governo do país (em 2021 quando escrevemos esse texto) realizou recentes cortes de alta porcentagem de verbas, dificultando ainda mais o processo de acompanhamento familiar que se propõe o serviço.

Dessa forma, percebemos que o fortalecimento de vínculos, sejam estes familiares, comunitários ou meramente entre os serviços (acolhimento da rede não-familiar), produz um trabalho efetivamente integrado nas redes de proteção sociais, assim como em um processo de acolhimento institucional mais coeso e articulado (PENSO & MORAES, 2016). Ou seja, quanto mais espaços se conectarem às atividades do CRAS e CREAS maior será a prevenção da vulnerabilidade social, mais pessoas podem ser asseguradas de seus direitos ou sequer conhecê-los. Essas atividades não têm barreiras físicas para a criatividade, então há muitas possibilidades diante de cada contexto. Igreja-serviço; escola-serviço; família-serviço; bar-serviço; serviço-serviço etc.

Ainda, uma vez que o vínculo é possível, existem dificuldades em seu manejo, como na instável troca de equipe em referência de tal família, dado enfraquecimento do vínculo empregatício continuado de serviços do SUAS. Mesmo o vínculo profissional-usuária/o sendo com o serviço e não com a equipe em questão, nos deparamos com a força da profundidade pessoal e afetiva das relações, que pode ser pensado como uma das possibilidades de compreensão da situação vivenciada por ambos e desencadeante de uma relação de confiança, o que certamente vai propiciar evolução nos atendimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levamos vínculo para passear e fizemos uma análise cartográfica e subjetiva acerca do mesmo, podendo este ser olhado como processo, não como coisa dada e previamente definida. Foram localizados o afeto, onde renovamos nossas ferramentas ditas 'ao profissionalismo' num local que convoca uma clínica menos formatada, por assim dizer, quando há uma escuta que ocorre fora de quatro paredes, seja na rua, na cozinha ou aonde for; compreendemos como o país encontra-se imerso em uma grande situação que pesa ao profissional e pessoal, por ter poucos investimentos, sofrer constantes ameaças de manutenção e lidar com vidas humanas de forma a entrarmos em suas casas e acompanharmos seus dias. Trabalhar com vínculo na Assistência, no cenário que vivenciamos no país, é ser a gasolina do carro, o próprio carro e o motorista.

A experiência de construção em grupos, assim como o diálogo transparente foram ferramentas de importante uso e constante adaptação ao seu público. Sendo um serviço que abrange sem limites de idade ou outras restrições, a formação continuada é necessária em sua atuação.

Sabemos que o vínculo dentro da Assistência Social possui diferentes versões, justamente por existirem gestões e discursos que trabalham isso de modo isolado, vendo em cada âmbito uma forma diferente de se perceber e compreender esse conceito. A ideia de que o vínculo não é algo dado, como um objeto natural, mas algo que se constrói cotidianamente, que se delimita a partir de múltiplos olhares (vínculo como algo imaterial, dissolvido e em movimento), se constitui exatamente nas diferenças e na diversidade de práticas que podem ser exploradas no trabalho de uma equipe multidisciplinar.

Tratamos de um conceito que não é definido a priori, mas que na verdade encontra definições na PNAS, como é desenvolvido no Caderno de Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, lançado em 2017 pelo Ministério da Cidadania (MDS), mantendo suas alterações nas práticas em serviço, que enrijecem seus sentidos, e nas mesmas quais a gente também consegue flexibilizá-lo, em um movimento de vai e volta, dão-lhe "vida". Ele está entre as práticas do campo sem limite de paredes, sem corpo, sendo feito de cotidiano. Mas não para por aí. Isso nos abre às conexões que o engloba em esfera pessoal, entre coisas humanas ou não. Nesta análise de novos caminhos, permitimos o vínculo ser compreendido e trabalhado como um processo entre-aberto dotado de

subjetividade. Consideramos cada caso único, sua acolhida e a afetividade presente, situação de investimentos disponíveis da rede socioassistencial – logo, o vínculo enquanto rede de conexões para os casos terem evolução – dessa forma, política e situações de liberdade pessoal (através de metáforas como a de Nietzsche) em contexto.

Deparamos, assim, com a complexidade desta questão e ferramentas disponíveis para serem exercitadas ao lado que cultivamos nesta oportunidade de pesquisa. Tais ferramentas foram resgatadas, outras descobertas e foram se transformando ao longo desta escrita, e continuam neste processo pelo fato de estarmos inseridas em um novo contexto de serviço, a pandemia que nos acomete desde 2019. Em 2021 é gritante como vínculo, um trabalho cotidiano é essencial, já se reconfigura e enfrenta novas adversidades. A questão é saber aplicar os conhecimentos que cultivamos aqui neste novo cenário.

Nos deparamos com a importância e ferramenta-chave neste trabalho ao cultivar o processo de formação continuada, de um estudo que sempre se renovam, que atravessam o nosso dia a dia e se reconfigura em momentos inéditos, não apenas se transformando entre realidades distintas de bairros e lugares, mas em cenários sem precedentes como a pandemia que estamos vivenciando. Diante dessa construção de TCC em momentos pandêmicos, nossas vivências e o trabalho com o vínculo sofreu transformação, como as coisas fluem independente dos nossos planejamentos e condições, por isso devemos exercitar a adaptação. Um caminho que sinalizamos é através da formação continuada enquanto profissional, onde continuamos a nos transformar e somar.

Uma das experiências vivenciadas em universidade federal em sentido de formação continuada remete a encontros de uma disciplina entre estudantes e profissionais atuantes no campo da rede socioassistencial, desenvolvida por pessoas como nossa orientadora de estágio. São encontros riquíssimos. Infelizmente o grupo encontra-se estagnado diante da pandemia, assim como outras construções não se sustentaram em tantas reconfigurações necessárias. Felizmente, mantivemos o contato com a temática no estudo deste trabalho e nas relações que mantemos desde o estágio.

Depois de estabelecido o vínculo, o modo de contato 'não importa tanto'. Bem disse Marília, nossa orientadora! Foi um pouco do que aconteceu neste TCC, quando conseguimos vincular nossos modos de trabalho e mantivemos o diálogo por chamadas de vídeo, mensagens, e-mails, textos, artes e ligações fluindo na questão. E, dessa forma, pode-se pensar no cenário atual do serviço com distanciamento social, seguindo protocolos

de segurança e possibilidades de continuarmos nos conectando das mais diversas formas, entre elementos que já nos rodeiam há anos.

E ainda bem que o vínculo dá voltas. Vai e volta. Sendo dotado de subjetividade e afetividade, essa troca de vínculo é constante e mostra-se sempre viva ao afetar e construir em seus momentos. Tratando-se de um processo, pode ser compreendido como único em cada caso. Com a pesquisa, as ferramentas disponíveis de trabalho a este conceito foram ampliadas e transformadas, como o modo de cartografar que utilizamos para escrever neste trabalho também poder ser utilizado nas pequenas esferas do vínculo, de forma a ser visualizado e explorado. Conseguimos visualizar alguns escapes acontecendo através de linhas de fuga e bons momentos que compõem o processo e o fortalecem ainda mais.

Um dos maiores desafios do vínculo que encontramos é estabelecer vínculos de modo a consolidar o trabalho preventivo e continuar a fortalecê-los. É tanta gente que precisa do serviço, que muitas vezes, a demanda não permite este foco com os que ainda são considerados 'fora da margem vulnerável'. Trata-se de um conceito vivo, que ganha sentidos no constante diálogo entre o teórico e o cotidiano de suas práticas, seja com qual público for.

Vínculo é de suma importância e constante diálogo aos envolvidos. Ao pôrmos em prova sua dimensão passível de elementos que compõem o processo (ou a cartografia) que é trilhada, prezamos pela continuidade do estudo e trabalho voltado ao fortalecimento e manutenção de vínculos, envolvendo todo o crescimento do asseguramento de direitos no campo de Assistência Social. Necessita trabalho de base, com dinâmica muitas vezes coloquial que se dinamize e flua como uma relação qualquer, englobando-se ainda num tecido social parte da organização do sistema público de assistência social brasileira. Parte de um manejo, de confiabilidade e compreensão de um processo de violação dos direitos humanos, historicamente e micro-politicamente.

Por se tratar de um trabalho escolhido para ser escrito em dupla, percebemos a potência que seria entrelaçar vivências cotidianas diferentes, mas com uma base teórica e institucional complementares. A monografia também é uma forma de vínculo, escrever em dupla nos fez entender ainda mais o que foi proposto pensar, e nos serviu de uma reflexão que se sustentou através do próprio saber estudado. Embora o estágio em serviços diferentes nos direcionasse a pensar nas divergências dos locais de prática, percebemos que as semelhanças se tornam mais presentes do que distantes, inclusive entre as próprias abordagens. O trabalho socioassistencial exige essa multiplicidade para ser bem executado.

Mesmo que levemos em consideração contextos sociais e políticos, ambos serviços se afetam de formas similares, pois eles dependem de rendas e programas e profissionais que estejam aptos a compreender toda dinâmica sustentada pela assistência.

Acaba que o vínculo se encontra presente nos mínimos detalhes. Seja na relação de serviço com serviço, quando, por exemplo, decidimos unir forças para escrever juntas sobre uma ideia em comum. Seja no vínculo das próprias abordagens em si, que de modo geral busca a saúde coletiva, dando autonomia e voz para aquelas/as que se sentem silenciadas ou desinformadas sobre seus próprios direitos. O vínculo não está só na chegada na casa das pessoas, mas no carro, no caminho, nas ruas, nas pessoas em que pedimos informação para se chegar onde se pretende ir. O vínculo está no pé de pitanga, no sofá da sala, no filme que está passando na tv, no cachorro que está querendo atenção e latindo sem parar. Está nas coisas em comum e incomuns que vivenciamos, ou que atentamos para vivenciar. É por isso que citar Spinoza se torna importante, pois pensamos na teoria do encontro. De todos esses encontros que nos causam boas sensações, que nos colocam em uma dinâmica gostosa de acolhimento, de pertencimento, de ajuda. Encontros esses que fazem parte do eterno retorno de Nietzsche, que nos ensina a pensar na fluidez em que nossa vida se direciona. É o chamado “amor-fati” (amor ao destino), é a aceitação do próprio destino, de como as coisas vão se repetir de formas diferentes em meio a esse processo. E é essa força de viver, de encarar o necessário e de desbravar o novo que nos mostra a importância que é ter vontade de potência, sendo essa potência que nos moveu a aceitar todos os vínculos e a chegar em uma produção real do que pretendemos desde o início, como na escrita do TCC.

Vemos como essa temática é presente: seja de um lado do mundo ou outro, vínculo se manifesta em diversas formas de ser lido, transitando entre autores e autoras de épocas distintas. Todos eles discutem sobre o mesmo conceito, chamando atenção ao momento, ao subjetivo, ao pessoal e afetivo.

Quando falo em aceitar nossos eternos retornos eu penso no que Nietzsche tentou direcionar sua filosofia, nas repetições que vi durante o percurso na assistência, podendo representar através de uma espiral diferentes fases do sujeito mas que giram em torno de uma raiz comum. Nietzsche precisou voltar, em vários momentos, a teóricos anteriores, que de alguma forma já prenunciava a ideia de eternidade. Ele usa Heráclito, por exemplo, para pensar no mundo como fogo eterno que se consome e se recria, mas sempre aqui, neste mundo. Com essa aproximação, ele também se afasta de diversos outros filósofos que

consideram a eternidade como algo fora da existência, a exemplo de Platão, que fundou sua teoria sustentando essa ideia.

Depois da Morte de Deus, seria necessário combater o cansaço e a desvalorização de todos os valores. É com isso que Nietzsche trabalha o Eterno Retorno, compreendendo-o como uma arma contra niilismo, para revertê-lo e dar um outro centro de gravidade para os valores: esta realidade, esta vida. A força do Eterno Retorno está na possibilidade de fundar uma filosofia pautada na imanência pura. Eis a sua importância (TRINIDADE, 2020, p. única).

Finalizamos assim, aceitando nossos eternos retornos, nossos bons encontros, vais e voltas. Aceitando nossas linhas de fuga e que através do serviço pudemos potencializar também. É essa vontade de viver e de transformar o mundo próximo que nos torna eternamente responsáveis por essa escrita, e por não mais camelos, mas leão, criança, e agora afirmamos o “eu sou”. Ou seja, “nós somos!”.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, MDS. *Política Nacional de Assistência Social*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 2004.

BRASIL, MDS. *Orientações Técnicas sobre o PAIF*. 1ª edição. Brasília, 2012.

BRASIL, MDS. *Caderno Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos*. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Assistência Social. 2017.

CASSIANO, MARCELLA; FURLAN, REINALDO. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, 2013.

CASTEL, ROBERT. *A insegurança social: o que é ser protegido?*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. *Da Lama Ao Caos - Da Lama Ao Caos* (álbum). Estúdio Nas Nuvens. Rio de Janeiro, 1994.

COMISSÃO NACIONAL DE PSICOLOGIA NA ASSISTÊNCIA SOCIAL (CONPAS) E CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Nota técnica com parâmetros para atuação das(os) profissionais de Psicologia no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)*. Minas Gerais, 2016.

COSTA, S. DE S. G. *Subjetividade e menor-idade: acompanhando o devir dos profissionais do social*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1980) *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, v. 1. Tradução de A. Guerra Neto. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1972) *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

LINS, DANIEL. *A Escrita Rizomática* [Online]. 2012. Disponível em: <<http://sibila.com.br/novos-e-criticos/a-escrita-rizomatica/5331>>. Acesso em: 26/04/2021.

NIETZSCHE, F. (1844-1900) *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de José Mendes de Souza. Versão para eBook: eBooksBrasil, 2002.

PELBART, P-P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, p.345, 2013.

PENSO, M. A. & MORAES, P. J. F. DE S. Reintegração familiar e múltiplos acolhimentos institucionais. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (2), pp. 1523-1535. 2016.

PIMENTA, CARLOS ALBERTO MÁXIMO; ALVES, CECÍLIA PESCATORE. *Políticas públicas & desenvolvimento regional*. EDUEPB, 2010.

PINTO, ÁUREO MAGNO GASPAR; JUNQUEIRA, LUCIANO ANTONIO PRATES. Relações de poder em uma rede do terceiro setor: um estudo de caso. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n.5, p.1091-1116, 2009.

POZZANA, LAURA. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Fractal, Rev. Psicol. [online]*. 2013.

RODRIGUES, LUCIANA; GUARESCHI, NEUZA MARIA DE FÁTIMA. A performance do vínculo na Política de Assistência Social. *Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro*, v. 70, n. 1, p. 161-174, 2018.

SILVA MORAES, DANIEL; JARDIM, ALEX FABIANO. “O que é uma linha de fuga? Consideração a partir do conto ‘A terceira margem do rio’, de Guimarães Rosa”. *Cadernos de estética aplicada*, v. 11, n° 20, 2017.

SOARES, LEONARDO BARROS. MIRANDA, LUCIANA LOBO. Produzir subjetividades: o que significa? *Estudos e Pesquisas em Psicologia - UERJ*. Rio de Janeiro, 2009.

SPINOZA, BARUCH DE. *A Ética*, in Os Pensadores. Ed. Abril, São Paulo, 1979.

SUELY ROLNIK. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

TRINIDADE, RAFAEL. *Nietzsche – Eterno Retorno*. Razão Inadequada [Online], 2020. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/filosofos/nietzsche/eterno-retorno/>>. Acesso em: 10/04/2021.

TRINIDADE, RAFAEL. *Nietzsche – Três Metamorfoses da Liberdade*. Razão Inadequada [Online], 2018. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2018/04/11/tres-metamorfoses-da-liberdade>>. Acesso em: 10/12/2020.